

SOCIOLOGIA

com Vivianne Catolé



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

Sociedade e violência



SOCIEDADE E VIOLÊNCIA

A violência é, frequentemente, percebida como um fenômeno isolado, limitado a atos individuais ou eventos pontuais. No entanto, a Sociologia contemporânea entende a violência como um fenômeno complexo, fruto de construções sociais, culturais e econômicas. Nesse sentido, não se trata apenas de agressões físicas ou criminais, mas de práticas estruturadas que reproduzem a dominação, a desigualdade e a opressão. A violência não é distribuída de forma igual na sociedade. Grupos socialmente vulneráveis — como pobres, negros, indígenas e moradores das periferias — são historicamente os mais afetados tanto pela violência direta (agressões, homicídios) quanto pela violência estrutural, que se manifesta na falta de acesso a direitos básicos como educação, saúde, moradia e segurança.



VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E ESTRUTURAL

Esse é um tipo de violência indireta em que não há apenas um ator identificável que cause essa forma de violência. Não há um único responsável concreto que possa ser responsabilizado pelas consequências, mesmo que o resultado final gere mortes ou sofrimento físico e psicológico.

O que acontece é que, nesse caso, a violência se apresenta por meio da constituição e da estrutura do sistema socioeconômico. A disposição desigual desse poder na sociedade gera uma má distribuição no compartilhamento de recursos, perpetua a pobreza, a fome e dificulta o desenvolvimento. A má distribuição de poder também causa grande discrepância nas oportunidades de vida.

O que acontece é que o sistema econômico algumas vezes falha na promoção da inclusão de indivíduos na estrutura social. Muitas pessoas, principalmente aquelas que têm menos de 2 dólares por dia para a sobrevivência, não possuem acesso à

educação, saúde e alimentação básica, sistema de transporte e integração com mercados de consumo. A violência promovida contra esses indivíduos é a fome, a miséria e a falta de acesso a recursos. Ela é estática e constante, muito mais sutil e enraizada na sociedade. Isso faz com que, muitas vezes, ela seja vista com normalidade ou como parte natural do sistema.

Pierre Bourdieu (1989) foi um dos principais teóricos a ampliar o conceito de violência. Para ele, a violência simbólica é exercida de maneira invisível, por meio da imposição de significados culturais, linguagens e padrões que legitimam hierarquias sociais. Bourdieu afirma que:

“A violência simbólica é aquela que se exerce com a cumplicidade daqueles que a sofrem, na medida em que ela se inscreve nas estruturas mentais e na percepção do mundo” (BOURDIEU, 1989, p. 12).



Essa forma de violência é naturalizada nas relações sociais, tornando-se instrumento de manutenção do poder. Práticas como o racismo, o machismo, a homofobia e a marginalização da pobreza são exemplos claros de como a violência simbólica opera.

De forma complementar, autores como Galtung (1969) conceituam a violência estrutural como aquela que é embutida nas instituições sociais, na economia e na organização política. Ela se manifesta na negação de direitos, na exclusão social e na reprodução de desigualdades que impedem o acesso a recursos básicos, como educação, saúde e segurança.

VIOLÊNCIA OBJETIVA E SUBJETIVA: A CONTRIBUIÇÃO DE SLAVOJ ŽIŽEK

“A violência subjetiva é apenas a ponta visível de um iceberg, cuja maior parte é composta pela violência objetiva e simbólica que sustenta a ordem social” (ŽIŽEK, 2008, p. 9).



No livro “Violência” (2008), Žižek aprofunda a compreensão do fenômeno violento ao propor uma distinção fundamental:

VIOLÊNCIA SUBJETIVA

É a forma de violência visível, manifesta em atos individuais ou coletivos, como assassinatos, agressões, terrorismo e crimes urbanos. Trata-se da violência percebida de forma imediata, muitas vezes amplificada pelos meios de comunicação.

Essa é a violência que ocupa o imaginário social, frequentemente tratada como a única forma existente, levando a respostas simplistas, como políticas de endurecimento penal e militarização das periferias.

VIOLÊNCIA OBJETIVA

Refere-se às violências invisíveis, embutidas nas estruturas políticas, econômicas e sociais. Žižek subdivide a violência objetiva em duas dimensões:

- * **Violência sistêmica:** relacionada às dinâmicas do capitalismo, que produz desigualdade, exclusão, desemprego, miséria e precarização da vida. É a violência cotidiana que não aparece como ato criminoso, mas que mata pela fome, pela negligência e pela falta de acesso a direitos básicos.
- * **Violência simbólica:** corresponde aos mecanismos culturais e linguísticos que naturalizam e legitimam as desigualdades e as opressões. Envolve discursos racistas, xenofóbicos, machistas e classistas que estruturam as relações sociais.

Žižek alerta que, ao focarmos apenas na violência subjetiva, ignoramos a violência muito mais ampla e devastadora que está normalizada no funcionamento das instituições e da economia global. Segundo ele, a obsessão com a violência visível serve para esconder a violência estrutural do sistema.

VIOLÊNCIA CULTURAL

A violência cultural é uma dimensão muitas vezes invisibilizada, mas profundamente enraizada nas estruturas sociais. Trata-se de um tipo de violência que opera por meio da imposição de valores, normas, símbolos, linguagens e representações que legitimam a opressão, a desigualdade e a marginalização de grupos sociais. Diferente da violência física ou estrutural, ela se manifesta no campo simbólico e ideológico, moldando percepções, naturalizando hierarquias e justificando relações de dominação.



O conceito de violência cultural foi desenvolvido pelo sociólogo norueguês Johan Galtung (1990), que a define como qualquer aspecto da cultura — religião, ideologia, linguagem, arte, ciência, direito ou mídia — que pode ser usado para justificar ou legitimar a violência direta (física) ou a violência estrutural (institucional). Segundo Galtung:

“A violência cultural torna a violência direta e estrutural parecerem naturais, ou pelo menos não erradas” (GALTUNG, 1990, p. 291).

A sociologia de Pierre Bourdieu também oferece uma chave fundamental para compreender essa dinâmica por meio do conceito de violência simbólica. Para Bourdieu (1989), a violência simbólica é exercida de maneira invisível e tácita, por meio da imposição de significados culturais e práticas que são internalizadas tanto pelos dominadores quanto pelos dominados, produzindo consentimento e perpetuando a dominação.

Na sociedade brasileira, a violência cultural se expressa, por exemplo, na desvalorização das culturas afro-brasileiras e indígenas, na negação das línguas e saberes tradicionais e na imposição de um padrão cultural eurocêntrico, branco e elitista como referência universal de civilização, progresso e modernidade. Essa lógica marginaliza e inferioriza modos de vida que não se enquadram nos padrões dominantes, reproduzindo o racismo estrutural, a xenofobia e a intolerância religiosa.



BRASIL: UMA SOCIEDADE VIOLENTA



“O Brasil não merece o Brasil. O Brasil tá matando o Brasil” (Querelas do Brasil. Aldir Blanc e Maurício Tapajós)

No Brasil, a violência é um fenômeno sócio-histórico, fundante e estrutural na nossa constituição social. Além de um instrumento político de manutenção da unidade territorial e da base econômica escravocrata, a violência no Brasil desenvolveu-se como uma forma de sociabilidade — o “código do sertão”, como conceituado pela socióloga Maria Sylvia de Carvalho.

Esse processo histórico gerou reflexos culturais e institucionais que, somados a fatores como a concentração de renda, conduziram-nos a ser uma das sociedades mais violentas do mundo e com um alto grau de tolerância a números exorbitantes de assassinatos.

No contexto brasileiro, Jessé Souza (2017) ressalta que a violência está profundamente ligada à herança escravocrata e à naturalização da desigualdade. Para ele, o Brasil sustenta-se sobre uma elite que perpetua a desumanização das classes populares, reproduzindo uma cultura de humilhação e exclusão social:



“A violência no Brasil é antes de tudo uma violência de classe, racial e social, legitimada por uma elite que se recusa a reconhecer a dignidade dos mais pobres” (SOUZA, 2017, p. 58).

Frantz Fanon (2008), ao analisar os efeitos do colonialismo, destaca que a violência não é apenas uma imposição do colonizador, mas também uma resposta dos povos subjugados na busca pela reconstrução de sua humanidade. Em sua obra “Os condenados da terra”, Fanon afirma:



“A violência é o meio pelo qual o colonizado rompe com a sua alienação e reconstrói sua humanidade” (FANON, 2008, p. 52).

A violência não é um fenômeno acidental na formação do Brasil. Ela está enraizada nas estruturas socioeconômicas e políticas, sendo parte constitutiva da lógica de organização da sociedade brasileira. Enfrentar esse problema exige, mais do que interven-

ções pontuais, uma transformação profunda do modelo econômico, da cultura política e das estruturas sociais que historicamente sustentam a desigualdade e a opressão no país.

A violência, na perspectiva sociológica, deve ser compreendida como um fenômeno multifacetado, que transcende atos isolados e se manifesta de forma estrutural, simbólica e institucional. As análises de Bourdieu, Bauman, Souza e Fanon revelam que a violência está diretamente vinculada às desigualdades sociais, à lógica capitalista, ao racismo estrutural e à reprodução das hierarquias culturais e econômicas. A su-

peração da violência exige mais do que ações repressivas. É necessário enfrentar as raízes sociais, econômicas e culturais que a alimentam, promovendo políticas públicas efetivas, educação crítica e a desconstrução de narrativas que naturalizam a exclusão e a desigualdade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Escaneie o Qrcode ao lado para ter acesso as referências bibliográficas



ANOTAÇÕES

Estamos juntos nessa!



C U R S O
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.